



DOUTOR BARBOSA DE MELO

Retrato exposto na Sala dos Subdirectores da
Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR DO DOUTOR BARBOSA DE MELO

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA SENHOR
BISPO DO PORTO

SENHOR PROVEDOR DE JUSTIÇA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA AS-
SEMBLEIA DA REPÚBLICA

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES POLÍTICAS,
ACADÉMICAS, MILITARES E ECLESIÁSTICAS

EXCELENTÍSSIMOS FAMILIARES DO SENHOR DOU-
TOR ANTÓNIO BARBOSA DE MELO QUE CUM-
PRIMENTO AFECTUOSAMENTE NA PESSOA DA
GENTILÍSSIMA SENHORA DR.^ª CECÍLIA BAR-
BOSA DE MELO

SENHORES DOUTORES

SENHORAS E SENHORES

Em representação do Excelso Senhor Reitor da Universidade de Coimbra e na condição de Director da Faculdade de Direito de Coimbra, cumpro o doloroso dever e o nobre preceito académico de proferir o último Adeus ao Mestre e Amigo que foi o Doutor António Barbosa de Melo.

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

Se coubesse no possível, as lágrimas fariam por mim todo o discurso. São o puríssimo destilado da dor. Talvez até os choros mais chorados sejam aqueles que os olhos vertem calados. Mas as lágrimas, vertidas ou sufocadas, não constituem forma discursiva protocolar em orações académicas fúnebres.

Pinta-se a morte, em visões de profetas e, de acordo com o Padre António Vieira, com uma foice segadora na mão direita e um relógio com asas na mão esquerda. Prolongando o eco sublime de Vieira, numa hora triste para todos nós, resolveu a morte tirar as asas do relógio da mão esquerda e passou à foice da mão direita, porque é mais apressada a foice da morte em cortar do que o relógio da vida em correr.

Paira a sensação de que tudo parou. Tudo emudeceu. Tudo se derribou. É a formidável majestade da morte coroada pela comovente majestade da quietude.

SENHORAS E SENHORES

A pátria do Homem é a sua infância. Há uma pintura viva que, a pouco e pouco, se vai compondo e que não sai sem levar consigo o todo.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR DO DOUTOR BARBOSA DE MELO

Nasceu António Barbosa de Melo em 2 de Novembro de 1932, em Lagares, Penafiel, no seio de uma respeitável família. Logo se destacou como um aluno brilhante, na altura em que frequentou o prestigioso Colégio Brotero, na cidade do Porto.

Rumou depois à Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Outubro de 1959, com a raríssima classificação de Muito Bom, com dezoito valores.

Barbosa de Melo experimentou, em Coimbra, naturalmente a doçura da vida estudantil. Isso não o impediou, porém, de revelar um notável envolvimento no vibrante movimento associativo coimbrão.

Em sinal denunciativo do seu aceso compromisso cristão, assumiu responsabilidades crescentes no Centro Académico de Democracia Cristã — CADC —, guindando-se, inclusive, a Presidente da Direcção. O confiante dilecto do CADC em letra impressa, a prestigiada revista *Estudos*, encontra-se povoadas de inconfundíveis escritos da autoria do eminentíssimo sócio António Barbosa de Melo.

A participação do estudante Barbosa de Melo irradiou também para a Associação Académica

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

de Coimbra. Ocupou o posto destacado de Presidente da Assembleia Magna, entre Maio de 1959 e Outubro de 1960. Destacava-se então, como Presidente da Direcção da Associação Académica de Coimbra, o seu dilecto Amigo José Manuel Cardoso da Costa.

Em lance imediato após a conclusão da licenciatura, Barbosa de Melo ingressa no corpo docente da Faculdade de Direito de Coimbra. Tornou-se assistente da cadeira de Direito Administrativo e daquele a quem viria a chamar o seu “Mestre por excelência”. Aludo ao Doutor Afonso Rodrigues Queiró.

Venceu o Curso Complementar de Ciências Político-Económicas, apresentando uma dissertação subordinada ao título “Os vícios do acto administrativo”. E fê-lo com tal luzimento que foi galardoado com o “Prémio Calouste Gulbenkian”. Alcançou o topo da colina do *cursus honorum* na condição cimeira de Professor Catedrático Convidado da Faculdade de Direito de Coimbra.

SENHORAS E SENHORES

Claro que cada professor possui o seu estilo e transmite o sinal do seu espírito à obra que

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR DO DOUTOR BARBOSA DE MELO

constrói. E Barbosa de Melo transmitiu muito. Assim engrandeceu o seu prestígio e as asas da justa fama transportaram-no, sem descanso, para paragens distantes.

Com os esmeros de uma reflexão repleta de primores, o Doutor Barbosa de Melo legou ao presente e ao futuro uma obra diversificada matricialmente publicista. Na circunstância, representaria um descabido cometimento sem *captatio benevolentiae* possível ousar qualquer análise à obra do Doutor Barbosa de Melo.

Não passarei de relances fugazes. Subido destaque merecem, por exemplo, as suas logradas incursões nos domínios do “novo constitucionalismo”, da democracia e utopia, do direito administrativo e da protecção jurisdicional dos cidadãos perante a administração pública, do contencioso comunitário, da ciência da administração, das formas de concertação social e dos novos modelos da administração pública.

Do Mestre seguro saltou, sem sobressalto, o legislador audacioso. Prudente na sua audácia e audacioso na sua prudência. António Barbosa de Melo teve intervenções relevantíssimas na Assembleia Constituinte, na Lei da

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

Imprensa, na Lei das Autarquias Locais, na elaboração de um Projecto de Revisão da Constituição em 1981 e, a instâncias do governo, na urdidura de um Projecto de Proposta de Lei sobre a organização, funcionamento e processo do Tribunal Constitucional, tarefa esta realizada em 1982, em colaboração com o seu fraternal Amigo Doutor José Manuel Cardoso da Costa.

SENHORAS E SENHORES

A política precisa dos melhores, mas depois não os sabe melhorar. Ou, como sublinhava Almeida Garrett, a política exige perfeição aos homens, mas não os sabe aperfeiçoar. Esta sugestiva observação de Garrett dispensava-se relativamente a António Barbosa de Melo. É que, na altura em que Barbosa de Melo se lança na vida política, era já dos melhores, com o senhorio de uma perfeita formação humana e científica.

Barbosa de Melo, em Maio de 1974, participa, acompanhado pelos seus Colegas e Amigos Carlos Mota Pinto e Jorge de Figueiredo Dias, na fundação do Partido Popular Democrático. Mas as teias encantatórias da

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR DO DOUTOR BARBOSA DE MELO

política não se teceram casualmente. Como de modo certeiro observou o seu fraternal Amigo José Manuel Cardoso da Costa, a opção e o compromisso político eram “o natural corolário da sedimentada adesão de Barbosa de Melo, amadurecida desde a juventude, aos valores do humanismo personalista de raiz cristã e às suas implicações na organização da sociedade e na construção e acção do Estado”.

Em permanente ascensão política, Barbosa de Melo foi deputado à Assembleia Constituinte, deputado à Assembleia da República, líder do grupo parlamentar do seu partido, já então Partido Social Democrata, atingindo o cume rútilo de Presidente da Assembleia da República a par de membro do Conselho de Estado.

Representava o Doutor Barbosa de Melo uma personalidade multímoda, esmaltada pela conjugação das virtudes intelectuais e da cidadania vibrátil. Por isso, correspondeu aos exigentes apelos para envergar as vestes de fundador e Director do Centro de Formação Autárquica – CEFA –, de Presidente do Conselho Nacional da Educação e de ser, durante largo tempo, Presidente da Assembleia Municipal de Penafiel, no meio das gentes que tanto o admiravam e que lhe concederam a

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

Medalha de Ouro do Município e agora se cobriram de luto.

SENHORAS E SENHORES

António Barbosa de Melo prestou relevantes serviços ao País. Testemunha eloquente disso mesmo era o seu peito constelado com duas luzidas condecorações: a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. Nele reluzia ainda o Doutoramento Honoris Causa concedido pela Universidade Católica como preito das valiosas colaborações que lhe prestara.

Suspeito, todavia, que não seria dos grandes serviços que Barbosa de Melo preferiria que eu falasse. No acerto de Diderot, os grandes serviços são como moedas pesadas de ouro ou de prata que raramente temos a oportunidade de usar; mas as pequenas atenções são uma moeda corrente que se tem sempre à mão. A moeda corrente de Barbosa de Melo era o conselho simples e dadivoso que nunca regateava. Era o amparo de uma palavra amiga a que nunca se furtava. Sem dúvida, contrastava com um certo tipo de intelectual melancólico que não levanta os olhos do papel para sequer suspirar quanto mais para conceder algumas partículas de atenção em modo de ajuda.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR
DO DOUTOR BARBOSA DE MELO

SENHORAS E SENHORES

Tomando a lição de Santo Ambrósio, não se pode seguramente louvar o homem, nem quando começa, nem quando é, senão quando acaba de ser. Se os mortos aceitam de nós outra coisa que não preces, é que se diga deles a verdade.

Fulgurava em Barbosa de Melo uma incomparável retórica alimentada por uma cultura desbordante. Esta retribuía-lhe, a cada passo, a acrisolada dedicação. Viajava sem custo às regiões incógnitas da ideia numa fluênciça caudalosa que parecia não ter fim. A elegância, o ornato, a vivacidade e a graça prendiam os auditórios e as tertúlias coimbrãs. Não admira, pois, que Barbosa de Melo fosse um requestado orador.

Ornava Barbosa de Melo um florilégio de atributos que muito dificilmente se reúnem na mesma pessoa. Elevação sem perder a simplicidade. Justiça sem transigências. Lealdade sem deslizes. Generosidade sem recompensas. Amor ao próximo sem limites.

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA SENHOR
BISPO DO PORTO

EXCELENTÍSSIMOS FAMILIARES DO NOSSO QUE-
RIDO DOUTOR ANTÓNIO BARBOSA DE MELO

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES

Segundo o Eclesiastes, debaixo do céu há momentos certos para tudo e um tempo certo para cada coisa, tempo para nascer e tempo para morrer.

Na Faculdade de Direito de Coimbra, os grandes Mestres, como António Barbosa de Melo, não se perdem pela morte. Guardamo-los dentro de nós e canonizamos o seu exemplo.

Para Amanhã e para Sempre.

Que o Senhor lhe conceda a Paz do Seu Esplendor, querido Doutor António Barbosa de Melo.

É este o voto alado que desta bela Igreja de Lagares sopramos, em uníssono, para o céu.

Disse.

Igreja de Lagares, em 9 de Setembro de 2016.